



IMPrensa SERGIPANA: que história podemos contar?¹

Elbênia Marla Ramos SILVA²
Ronaldo Nunes LINHARES³
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de um projeto e iniciação científica que teve como objetivo principal recuperar, através de um inventário a História da Imprensa Sergipana no período que vai de 1830, década de publicação do primeiro jornal sergipano até 1900 início do século XX. Para tanto foram pesquisados inicialmente todos os jornais digitalizados deste período que se encontram na biblioteca pública e no Instituto Histórico e geográfico de Sergipe. A metodologia deste trabalho se construiu a partir da leitura e análise dos veículos de comunicação impressos (jornais e revistas) num dado espaço cultural, cadastrados através da ficha da rede Alçar, procurando reconhecer a relevância histórica da Imprensa sergipana e como ela se desenvolveu através da identificação dos impressos e sua caracterização.

PALAVRAS-CHAVE: inventário; imprensa; periódicos; história; Sergipe.

Introdução:

Desde a invenção da prensa por Gutenberg, os impressos: livros, revistas, panfletos e mais tarde o jornal, tem alcançado grande importância na constituição, distribuição e recepção da informação, seja ela no campo da gestão e do poder seja simplesmente no campo educativo, cultural e do lazer.

A imprensa surge com a modernidade, em meio há transformações estruturais fundamentais para a modernidade, tais como: o renascimento comercial, o aparecimento da indústria, do renascimento urbano, da criação das universidades entre outros (Melo, 2003; 34). Marcondes observa que a imprensa nasce com o capitalismo e utiliza-se dele para seu desenvolvimento. Fruto e difusora das grandes transformações econômicas, políticas, científicas e culturais dos séculos XVII ao século XIX, a imprensa esta presente em quase todas as grandes revoluções estruturais deste período. Mesmo

¹ Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIT-SE, email: benia_@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIT-SE, email: ronaldonl@uol.com.br



aliando-se as massas, após a descoberta de seu papel políticos, sempre foi uma instituição burguesa.

Em todos os lugares onde se desenvolveu a imprensa transforma-se também num espaço de registro histórico, um documento importante para o conhecimento do cotidiano. No entender de Morel, a visão da histografia contemporânea com relação à imprensa tem se renovado a partir dos estudos desenvolvidos pela Escola dos Annales, com abordagens políticas e culturais, a imprensa teve um redirecionamento, tornando-se ao mesmo tempo fonte e agente histórico (Morel, 2006) e não mero reflexo de uma estrutura sócio econômica, ou como fonte privilegiada, portadora dos fatos e da verdade como definia a historiografia tradicional.

Os estudos recentes observam Neves e outros (2006; 10) demonstram esta mudança de visão sobre a imprensa. Segundo os autores,

A imprensa tanto constitui memórias de um tempo, as quais, apresentando visões distintas de um mesmo fato, servem como fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples ingrediente do acontecimento.

Este contexto transforma a imprensa num instrumento importante na conformação do sujeito contemporâneo, das relações sociais, dos processos sócio-políticos e econômicos em que a sociedade esta envolvida. Assim, entendendo que a imprensa tornou-se uma instituição importante para a compreensão da sociedade moderna é que esse trabalho foi realizado, com a intenção de fazer uma pesquisa para não deixar que ocorra o desaparecimento de periódicos sergipanos, procurando inventariar estes jornais, produzindo uma síntese sobre seu conteúdo, com a descrição entre outras coisas o aspecto gráfico; localização e informações sobre a impressão; periodicidade; comercialização; aspectos editoriais gerais e da primeira pagina; os jornalistas e conclusões ou anotações mais específicas de cada jornal.

Registros históricos sobre a imprensa sergipana

No Brasil a imprensa chega com atraso, mesmo em comparação há outras colônias européias. Para Werneck Sodré, a falta de capitalismo é a causa deste atraso que acompanha a historia da sociedade brasileira. Para o autor, foi uma coincidência interessante, o aparecimento ao mesmo tempo do Brasil e da imprensa na Historia,



colocando em lados opostos a arte de multiplicar os textos que serviu a ascensão da burguesia e a implantação de um projeto escravocrata na nova terra, que não via como necessidade o incentivo a esta arte. Werneck (1999) chama atenção para este fato de que “o livro e a técnica de fazê-lo, assumiram ali, pouco depois do início da existência histórica brasileira, o aspecto herético que atraía maldição e condenações”.

Reverendo os estudos sobre a Imprensa Sergipana, localizamos importantes trabalhos, a exemplo de: Sebrão Sobrinho (1947) Manoel Rodrigues Nascimento (1954) Acrísio Torres de Araújo (1993) e Márcia Regina Andrade (2001). Alguns destes trabalhos são registros catalográficos de jornais como é o caso dos textos de Armindo Guaraná sobre os jornais e revistas em Sergipe, ou o de Andrade catalogo dos jornais estâncianos nos período de 1832 a 2000; artigos sobre o fundador da imprensa sergipana escritos por Armindo Guaraná em 1908 e 1913 e por Costa Filho em 1920, publicados pela revista do Instituto Histórico de Sergipe, ou os estudos monográficos, produzidos por aluno dos cursos de comunicação social/jornalismo das Universidades, Tiradentes e Federal, estes últimos, recortes específicos sobre elementos dos jornais, como as colunas sociais e evolução gráfica de jornais sergipanos.

Mesmo com o avanço da digitalização do acervo de jornais sergipanos, o maior do estado, pelo do Instituto Histórico de Sergipe, podemos afirmar que ainda não temos nenhuma obra de síntese tanto bibliográfica, como de fontes primárias sobre a imprensa no estado que possa abarcar os diferentes períodos e características da imprensa em Sergipe. Este projeto pretende contribuir nesta caminhada, recuperando através de um inventário o mais vasto possível, a história da imprensa sergipana através dos jornais e revistas publicados entre o período de 1830 a 1900, considerando como quadro de fundo, o contexto histórico de Sergipe neste período.

O Desenvolvimento da pesquisa: os jornais sergipanos de 1830 a 1900

O inventario analítico sobre a imprensa em Sergipe utilizou como procedimento o método histórico procurando compreender a natureza e a função das instituições sociais é importante pesquisar no passado as raízes das atuais formas de vida social (LAKATOS, 1988). Em seguida utilizou-se a análise documental, como um método e uma técnica de pesquisa, que procura identificar, verificar e apreciar o jornal como documento que nos auxilia a compreender o contexto histórico sergipano no período proposto. (Moreira in Duarte e Barros, 2005; 271).



Utilizamos também o instrumento proposto pela Rede Alcar para o registro das informações mais específicas sobre o jornal, considerando as características dos veículos impressos do período pesquisado. Os dados e informações obtidos a partir da pesquisa foram organizados e analisados qualitativamente através da análise documental, o que significa a “extração científico-informativa” (Moreira, op. cit.), dos dados, um reflexo objetivo da fonte original, funcionando como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações e momentos.

O desenvolvimento da pesquisa passou por dificuldades devido aos problemas de acesso a documentação. Alguns jornais, ainda não digitalizados, estavam empacotados, preparados para a digitalização, alguns em péssimo estado de conservação, o que dificultou o manuseio. No entanto, foram analisados todos os jornais digitalizados, num total de dezessete, abrindo uma exceção para revistas até 1950.

No preenchimento das fichas o primeiro item de dados gerais foi respondido com maior facilidade, pois os dados exigidos eram mais fáceis, os aspectos gráficos são parecidos, um tamanho básico dos periódicos de 12,0 cm até 29,0cm, exceto o primeiro jornal sergipano de 1832, O Recopilador Sergipano que possui tamanho equivalente as revistas em quadrinhos, mas pelo que podemos analisar a maioria possuía um modelo tablóide utilizado na época, com 4 páginas dividindo-as em 4 colunas separadas por fio e contendo cadernos únicos.

Os locais das tipografias são bastante variados e dos 17 jornais analisados, apenas 4 deles coincidiam com as tipografias, o jornal Recopilador Sergipano(1832-1834) e o Diário do Conselho Geral da Província (1833) eram tipografados na Villa constitucional da Estância, Typ. Da Silveira e Cia e os jornais O Republicano (1889), que em 1875 passou a ser impresso na rua da Aurora, na typ. Larangeirense em Laranjeiras, junto com o jornal O Larangeirense (1888). No entanto percebemos que havia um grande número de tipografias e jornais em circulação.

Em relação à periodicidade, boa parte dos periódicos eram semanais, sendo apenas um quinzenal, o jornal Evolução(1884), um periódico literário e noticioso. A publicidade já estava em boa parte dos jornais. Oito deles tinham esse espaço no jornal e nove deles não apresentaram. Os anúncios mais comuns eram sobre xarope, farmácia, teatros, venda e fuga de escravos, o que chamou atenção foram sobre uma agência bancária, o Banco Emissor da Bahia, não sendo encontrado em qualquer outro jornal propaganda de banco. Assim percebemos que muito dos jornais possuíam financiamento privado.



As seções na sua maioria eram livres. Tanto, apresentavam notícias políticas como também agradecimentos e até charadas. Com o surgimento fotografia na França por Jacques Daguerre, conhecido como o pai da fotografia, o Brasil só conhece a fotografia em 1840, trazida por Abade Louis Compte em 1840 no Rio de Janeiro, com o apoio de D. Pedro II. Em Sergipe, assim como em outros estados essa invenção chegou em 1873 com o primeiro fotógrafo um relojoeiro João Gonston. 33 anos depois se explica porque Sergipe não possuía jornais com foto, uma tecnologia para poucos, de todos os jornais analisados, nenhum possuíam fotografias e sim xilogravuras. Notamos assim como não havia diferença na diagramação dos jornais e que só a partir de 1900 que a diagramação irá mudar e trará fotografias para os periódicos sergipanos.

Manchetes não existiam e as chamadas só foram vistas no Jornal do Aracaju (1871), que apresentava um sumário com os itens que seriam encontrados no jornal, tipo, Parte oficial, Noticiário, Exterior, Transcrição e variedades. As notícias mais freqüentes eram sobre política, o que chamou atenção foi o jornal O Progresso (1896) apresentar notícias sobre agricultura, “Na Inglaterra, ao menos metade dos exploradores agrícolas se compõe de prados artificiaes em suas melhores condições, e em um clima favorecido por um céu nebuloso e regado à muido por chuva por chuvas moderadas”, nesse texto, está na seção agricultura do jornal com o título “ Influencia dos meios sobre os animaes”.

Sobre a tipologia de textos publicados apenas dois apresentam crônicas e não notícias, são eles O Espião (1882) e A Assembléia Católica (1859), apresentando eventos local. Os eventos internacionais apareceram no jornal O Larangeirense (1888), que possuía correspondente em Paris, Dr. J. P. Nolasco e Dr. A. D’Oliveira, na corte Alferes José Moreira Guimarães, Leonido Porto, na Bahia eram Virgílio de Lemos, e em Alagoas F. Lima Junior. Exemplo (Paris): “Paris está deserto. Tal é a fórmula adaptada. Julho e agosto são os mezes de frio e repouso”, o jornal A Notícia (1896) tinha correspondente em Constantinopla; “Constantinopla: Os delegados das potencias suspenderam os conferenciais para tratar da paz no Oriente”. O jornal O Democrata tinha agentes nos interiores de Sergipe, (Propriá- Sr. Antonio Pereira Guimarães Filho) e o jornal Evolução tinha agentes em Estância (Sr. Manoel Angelo de Almeida) e em Itabaiana (Sr. Francisco da Silva Porto).

Os preços dos jornais foram encontrados com boa freqüência. A quantia avulsa variava de 300 a 500 réis e as assinaturas na capital por ano variavam de 8\$000 a 10\$000, semestre de 5\$000 a 7\$000 e no mês 2\$000 a 4\$000; fora da capital custavam



por ano 10\$000 a 12\$000, semestre 6\$000 a 9\$000 e no mês 3\$000 a 5\$000. Apenas o jornal A Notícia (1896) que colocava essas tiragens na parte dos anúncios, ou seja, na última página do jornal e não como faziam os outros que a tiragem fazia parte ou do cabeçalho ou da primeira coluna.

Os jornalistas desses periódicos apareciam como proprietários, diretores ou colaboradores, em sua grande maioria eles trazem essa informação, o curioso, é a não presença da mulher na imprensa. Em nenhum dos textos percebemos um texto publicado por ela e também na organização de algum dos jornais.

Conclusões

O estudo sobre a imprensa sergipana deve sempre ser baseado em bibliografias e a depender dos seus objetivos e métodos, as matérias devem ser trabalhadas de maneira criteriosa. Os resultados da pesquisa possibilitaram aprofundar o conhecimento sobre os jornais analisados, suas características físicas em comum e também seus diversos assuntos, já que foram fichados jornais com ligações políticas, religiosas e de associações. Entretanto, as análises e resultados encontrados nos coloca diante de novos questionamentos sobre o tipo, importância e a qualidade da imprensa no período de 1830 a 1900.

Os jornais que não estão digitalizados, correm o grande risco de desaparecer em pouco tempo, pois o seu material está debilitado e muitos deles não podem mais ser utilizados, essa também é uma observação colocada por D. Pedro II em 1860 ao visitar a Sergipe, ele esteve na tipografia Provincial, conheceu os funcionários, os maquinários e perceber a má conservação dos periódicos.

Pela pesquisa conseguimos uma conhecer a estrutura dos periódicos, simples em termos de recursos gráficos, mas com conteúdos a exemplo dos jornais literários e através de dados gerais tais como: aspectos gráficos, aspectos editoriais, dentre outros. As dificuldades encontradas não estão relacionadas na busca desses materiais e sim nas suas condições físicas como citado logo acima.

REFERÊNCIAS



- ANDRADE, Márcia Regina de. **Catálogo de Jornais Estancianos 1832-2000**. Estância: Prefeitura Municipal, 2001.

- ARAUJO, Acrisio Torres. **Imprensa Sergipana**. Brasília: gráfica do Senado, 1993.

- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo, Ática, 1990.

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900- 2000**. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

- CAPPARELLI, Sergio (org.), SQUIRRA, Sebastião (org.), SODRÉ, Muniz (org.). **A Comunicação revisitada**. Sulina, 2005. 247 pág.

- COSTA FILHO. **O fundador da imprensa sergipana**. Aracaju: Revista do Instituto Histórico de Sergipe, nº 5, 1920.

- DUARTE, Jorge (org.), BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, Ática, 2005. 380 pág.

- FEBVRE, Lucien. **Michelet e a Renascença**. São Paulo, Editora Página Aberta/Scritta, 1995.

- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Jornaes, Revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908**. Aracaju.

- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **O primeiro Jornal de Sergipe de 1932: Antonio Fernando da Silveira, Monsenhor**. Aracaju: Revista do Instituto Histórico de Sergipe, nº 11, 1913. **Estado de Sergipe: jornais, revistas e outras publicações de 1932 a 1908**. Aracaju: Revista do Instituto Histórico de Sergipe, nº 2, 1908.

- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. 7 ed. São Paulo, Loyola, 2003.

- MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo, Unesp, 2006.



- MELO, José Marques de. **Historia Social da Imprensa**: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

- NEVES, Lucia Maria Bastos P. MOREL, Marco & FERREIRA, Tânia M. Bessonte da C. (org) **Historia e Imprensa**: representações culturais e praticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

- SOBRINHO, Sebrão. **Laudas da história do Aracaju**. 2 ed. Aracaju, 2005.

- SOBRINHO, Sebrão. **Monsenhor Silveira o Fundador da Imprensa**. Aracaju: Regina, 1947.

- SODRÉ, Nelson Werneck. **Historia da imprensa no Brasil** (4^a ed.) Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



Anexos
Jornais Pesquisados

Recopilador Sergipano	1832/1834
Diário do Conselho Geral da província de Sergipe	1833/1834
O Correio Sergipense	1837/1836
A Assembléia Católica	1859
Jornal do Aracaju	1874/1875
O Democrata	1879
O Conservador	1881/1882
O Espião	1882
Evolução	1884
O Horizonte	1885/1886
O Laranjeirense	1888
O Paladino	1889
O Republicano	1890
Correio de Sergipe	1891
O Município	1893
O Progresso	1895
A Notícia	1896/1897



JORNAL Recopilador Sergipano 1832

ANNO DE 1832. SABBADO 1 DE JUNHO. NUMERO 114.

RECOPIADOR SERGIPANO.

Subscrição para esta Folha em Alagoas, na casa da Sr. José Pinto de Góes, na Villa das Laranjeiras, ou do Sr. Pedro José Joaquim de Góes, e neste Villa, na Typographia a cargo por trimestres e vendendo numeros avulsos.

VILLA CONSTITUCIONAL DA ESTANCA. TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA E CIA.

INTERIOR.

Os homens são quasi em todo o genero victimas perpetuas de huma alluviaõ de prejuizos, que não só se oppõe a seu bem estar, como tambem os distrahem da idéa de pôr termo a seus infortunios: estes prejuizos influem sobre toda a conduta da sua vida. Todo o homem costumado a reflectir fica sorprendido de vêr a mor parte das instituições humanas não sérem outra cousa mais do que hum tecido de extravagancias, e de loucuras. Se examina os governos, vê a politica, por sua essencia visivelmente destinada á manter as sociedades, concentrar suas forças, a vigiar sua segurança, e fazer observar as regras immutaveis da equidade, por hum transtorno terrivel, convertida no principio de sua destruição, na origem dos vicios que as dividem, das desgraças que as opprimem, das paixões que as devorão, dos prejuizos que as fascião, e das emprezas lunestas, que arrastão a sua ruina. Se medita as leis, encontra por toda a parte a liberdade do homem aguilhoada, a igualdade natural subordinada aos caprichos do uso, da opinião, da tyrannia; e a felicidade do genero humano obrigada a ceder aos interesses passageiros de alguns poderozos, que não estabelecem leis senão em sua vantagem particular. Se examina os direitos e os titulos da grandexa, das dignidades, daquella desigualdade onerosa, que observa nas sociedades, daquellas distincções parciaes, que tudo concedem á alguns individuos, e aos demais privão até dos mesmos direitos da humanidade, fica ab-

sorto de vêr que tudo isto he fundado na usurpação, na violencia e injustiça dos que governão e na imbecilidade dos que obedecem. Se contempla os effeitos da educação, e o fim a que ella se propõem, acha que por toda a parte ella não tem outro objecto mais que domar os espiritos com systemas fabulosos, inspirar-lhes o desprezo pela razão, amoldar os mortaes ao jugo da escravidão, suffocar a natureza, destruir suas propensões, transtornar suas mais luminosas idéas, em fim tornar os homens inconstantes, cegos, viciozos, e desgraçados. Se volve suas vistas para a maior parte das religiões, não encontra senão desvios da imaginação, fasciada por falsas apparencias, reduzidos a systema por entuziastas, ou impostores, encarregados de enganar e aterrar o genero humano, para o submeter á seus proprios interesses. Em huma palavra, o homem que pensa, vê por toda a terra os corpos e os espiritos dos mortaes, presos em vergonhosos laços, e como envoltos nas faixas eternas da infancia, que os impedem de obrar, de pensar, de desenvolver sua energia, e de adquirir vigor e crescimento.

Para que serve a sabedoria, se ella não faz o Homem feliz? Como tornar-se feliz, sem o conhecimento das relações, que subsistem entre o homem e os entes que o cercão? Como descobrir estas relações, sem fazer uso dos sentidos, sem sujeitar ao cadinho da razão e da experiencia os objectos, que se quer examinar? Como fazer experiencias verdadeiras, e julgar maduramente das cousas, se os órgãos são viciados, se o

Seis justos se quereis ser livres.
Seis unidos se quereis ser fortes.
(Washington.)

